

If you suspect a case of Ebola... Free call: 177” - Ensaio sobre a militarização da saúde na Serra Leoa durante período da epidemia de Ebola (2014-2016)

DENISE PIMENTA

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v27i1p85-117

Resumo Nos últimos anos tenho me debruçado sobre as questões sociais que circundam a epidemia de Ebola na África do Oeste, mais precisamente na Serra Leoa. De outubro de 2015 a janeiro de 2016 e de maio a outubro de 2017, viajei para a região, fazendo trabalho de campo tanto na capital da Serra Leoa (Freetown) como em seus demais distritos. Em todo o país existiam checkpoints, instrumentos do controle dos corpos. Além disso, por todas as cidades eram comuns cartazes e outdoors mobilizando a população a se manter atenta em casos de Ebola, sugerindo inclusive “denúncias”, como: if you suspect a case of Ebola, free call: 177. Desta maneira, é notório o uso de uma linguagem militar para tratar da epidemia. Porém, a militarização não se encontra apenas nas metáforas, partindo para o contexto das práticas diárias como ameaças, privação de liberdade como lockdowns, quarentenas e até prisões. Ou seja, o controle da epidemia sempre esteve diretamente ligado à militarização da saúde.

palavras-chave: políticas de saúde; Estado; militarização; Ebola.

“If you suspect a case of Ebola... Free call: 177” - On the militarization of health in Serra Leone during Ebola epidemic (2014-2016)

abstract: In the last years, I’m researching social questions around the Ebola epidemic in West Africa, more precisely in Sierra Leone. From October 2015 to January 2016 and from May to October of 2017 I travelled there, doing fieldwork in Sierra Leone capital, Freetown, as well to other districts. All over the country there was “checkpoints”, instruments to controlling bodies. Despite of this, in all the cities was common posters and outdoors mobilizing population to keep aware in cases of Ebola, including sugestion “denounces” as “If you suspect a case of Ebola, free call: 177”. This way is notorious the use of a military language to deal with the epidemic. But militarization was not only as a

metaphor, it started in the contexts of daily practices as threats, deprivation of freedom with lockdowns, quarantines and even with prison. In other words, the control of epidemic always has been linked to the militarization of health.

keywords: Health Policies; State; Militarization. Ebola.

Introdução: situando a pesquisa e o campo

Este ensaio faz parte de uma das várias reflexões presentes em minha pesquisa de doutoramento em Antropologia Social. Estudo que tenta entender a epidemia de Ebola na África do Oeste a partir das perspectivas dos Estudos de Gênero. Busco dar foco às narrativas de mulheres serra-leonenses sobre o período, falas que destacam a relação entre cuidado e contágio. Desta maneira, diferentemente dos estudos da Antropologia Médica e das investigações da *Global Health*, estas mais focadas nas questões de saúde em si e nas experiências dos agentes de saúde, direciono-me para as narrativas de vozes subalternas e suas vivências da epidemia. Dedico-me assim a acompanhar comunidades, famílias, mulheres e crianças, redes de parentesco e amizade que levaram à morte de muito mais mulheres do que homens na medida em que estas são as maiores responsáveis pelas atividades da casa, do cuidado, sendo por isso mesmo, as mais expostas ao vírus Ebola. Tento assim pensar a relação entre Ebola, cuidado perigoso e a alta taxa de mortalidade de mulheres e crianças durante a epidemia dos anos 2000.

A pesquisa tem como *locus* de seu trabalho de campo o pequeno país do oeste africano, Serra Leoa. Este que é banhado pelo oceano Atlântico e faz fronteira com a Guiné-Conacri e com a Libéria, países que também sofreram com a epidemia de Ebola. Salone, como é carinhosamente chamada pelos serra-leonenses, tem pouco mais de sete milhões de habitantes, no entanto, possui por volta de 18 etnias diferentes distribuídas em um pequeno espaço geográfico. Tem uma história marcada pela colonização inglesa e pelo recebimento de pessoas escravizadas libertas (*Liberated Africans*) durante o século XIX quando a Inglaterra encabeçou uma campanha abolicionista. Freetown, a capital de Serra Leoa, ficou conhecida como a cidade dos homens e mulheres livres, a cidade da liberdade.

Durante o século XX, Serra Leoa ficou conhecida internacionalmente por uma guerra civil que durou quase onze anos (1991-2002) e teve sua manutenção através do tráfico de diamantes (riqueza natural da região), sendo marcada por milhares de mortes, estupros, amputações e pela “produção” dos meninos soldados. Após a “guerra dos rebeldes” - como é geralmente nomeada pelos serra-leonenses - o país se viu envolto em

uma precária situação econômica, além da imensa perda humana e consequências traumáticas para o tecido social do país. O Estado debilitado e fraco toma o segundo plano e sede grande autonomia às grandes organizações internacionais de ajuda humanitária. Além disso, o país tenta se dedicar a uma recuperação através do turismo, divulgando seu vasto potencial turístico por conta de suas inúmeras praias tidas como paradisíacas.

Nos anos 2000, a epidemia do vírus Ebola afeta mais uma vez este povo já incrivelmente marcado pelos conflitos e violências da guerra e também da pobreza. Assim como a guerra descortina muito dos elementos constituintes da sociedade, também uma epidemia pode revelar muito das estruturas desta. Vejo a epidemia de Ebola como um momento privilegiado para a compreensão de como os vários elementos da sociedade são construídos, hierarquizados, reproduzidos e mesmo rompidos. Portanto, a epidemia vista sob o olhar das ciências sociais pode revelar muito mais do que questões estritamente médico-científicas na medida em que saúde e doença devem ser compreendidas na trama das relações sociais dos grupos envolvidos. Desta maneira, seguindo o antropólogo Renato Queiroz, aposto na potencialidade explicativa dos eventos epidêmicos. Diz Queiroz:

... retoma-se a noção de “fato social total”, almejando-se destacar a pluralidade de manifestações desencadeadas por ocorrências epidêmicas algumas das quais despertam a atenção do antropólogo porque dizem respeito não apenas ao aparato médico-científico (saberes e práticas) mobilizado para combatê-las, mas sobretudo em razão dos múltiplos significados que costumam expressar. Dito de outra forma: um surto epidêmico qualquer tem lugar em contextos socioculturais concretos e específicos, e seu estudo contribui para a compreensão desses cenários justamente porque tais surtos costumam colocar em ação, a um só tempo, numerosas instâncias do comportamento humano em sociedade. Constituem, pois, essas ocorrências, oportunidades privilegiadas de observação da vida sociocultural. (QUEIROZ, 2004, p. 66).

Tomando esta perspectiva como direção, acredito eu que a epidemia de Ebola pode revelar muitas facetas da sociedade no que tange às diferenças e conflitos de gênero e às formas de cuidado e contágio. Porém, para além da perspectiva diletta desta pesquisa, que é a de gênero, muito foi desvelado em campo, a exemplo da imbricada relação entre a guerra civil e o “combate” à epidemia de Ebola. Assim, neste ensaio, exercito explorar uma outra frente

da pesquisa, que é a militarização do aparato de saúde no país durante o Ebola e, como esta tem tudo a ver com a história da Serra Leoa, seus conflitos, guerra e cultura do medo e do pavor. Falarei assim da ação médica no país – para o controle da epidemia – tendo o suporte do aparato policial-militar que controla os corpos, ambos trabalhando juntos numa complexa relação de cuidado, medo e violência. Para além disso, este ensaio também reflete sobre meu primeiro contato com o campo, mostrando que, apesar de antropóloga, também eu não estava de todo livre da introjeção de certas ideais e imagens que fazem referência ao país.

Nos próximos tópicos, me dedicarei a uma reflexão sobre a militarização do aparato médico durante a epidemia de Ebola na Serra Leoa, compreensão esta que só pôde se dar através da longa estada em várias regiões do país, num total de aproximadamente nove meses de trabalho de campo. Tendo demonstrado um panorama mais amplo da pesquisa e do campo, agora darei foco à descrição etnográfica e análise do aparato médico-militar de controle à epidemia, conseqüentemente, controle de corpos e liberdades, o que é de fato o objetivo deste ensaio.

A tensão da chegada na Serra Leoa (2015): preenchendo *Health Declaration Form* no aeroporto

Passados quase dois anos de preparação para a realização do trabalho de campo na Serra Leoa e após mais de 21 horas de voo – de São Paulo à Paris, de Paris a Lungi – eu pensava ter enumerado mentalmente, em rascunhos e cadernetas, todas as futuras dificuldades que poderia enfrentar, senão durante toda a minha estadia naquela região do oeste africano, pelo menos durante a longa e cansativa viagem de ida e em relação à chegada ao aeroporto da cidade de Lungi e posteriormente à travessia do mar até a capital do país, Freetown.

Contrair o Ebola, de fato, não chegava nem perto desta longa lista de preocupações, afinal, meu objetivo não era necessariamente fugir da epidemia, mas tocar suas margens. Minhas preocupações transitavam entre dilacerantes questões sobre a pesquisa em si e atormentadoras dúvidas comezinhas: e se minhas malas fossem extraviadas? Estaria meu inglês suficientemente razoável para entrar no país? Conseguiria eu realizar todos os trâmites para pegar o *ferry boat* (balsa/barco de travessia) e atravessar o mar? Estaria levando tudo do que precisaria? Um sem número de pequenas grandes dúvidas – como é

comum entre antropólogos - assombravam meus últimos momentos antes de descer no aeroporto de Lungi.

Aterrissamos, no meio da pista um ônibus nos esperava, eu, alguns outros estrangeiros brancos, alguns jovens adultos e adolescentes negros serra-leonenses, maioria de homens, em férias, vindos dos Estados Unidos da América e também da Inglaterra. Sem dúvidas, a maioria de nós era de brancos. Alguns, pela conversa em inglês que eu ouvia, faziam parte de alguma ONG. O que eu descobriria, dali menos de uma hora, que era bem comum na Serra Leoa. Ou seja, ONGs internacionais, seus pesquisadores e voluntários eram personagens recorrentes e cotidianos no país.

Descemos as escadas do avião, tomamos o ônibus e chegamos à porta do edifício do aeroporto. Muitos funcionários tentavam criar uma dinâmica de ordem para que nos posicionássemos em fila e lavássemos as mãos para que “entrássemos” no país. Algo sem sucesso, pois havia mais funcionários do que passageiros e era claro que discordavam entre si. Apesar da aparente desorganização, havia uma séria tentativa de policiamento dos corpos, que com a entrada no edifício ficou mais clara. Cada um que lavava as mãos, mostrava seu passaporte a um dos muitos funcionários que se posicionavam ali antes da entrada; depois disso, adentrava a uma sala, sem cadeiras, com algumas mesas cheias de folhetos e com a ficha que devia ser obrigatoriamente preenchida antes de se passar pelos guichês da imigração em que ocorreriam o registro dos passaportes.

Entramos todos, pegamos nossas fichas de *Health Declaration Form* (Formulário de Declaração de Saúde) e, como alunos que colam uns dos outros, olhávamos como que se preenchia aquelas linhas, pois apesar da inacreditável quantidade de funcionários, não havia agentes para nos instruir sobre aquele procedimento. Apesar deste relato, a princípio parecer anedótico e aquela aparente confusão parecer engraçada, certamente não era este o clima daquele pequeno ambiente. Ao contrário, havia uma sensação coletiva de desconforto e tensão. Éramos empurrados pelo alto som da conversa dos funcionários, que discordavam a todo tempo das medidas tomadas por seus companheiros. No meio destas discordâncias, parecia que nos apontavam para onde deveríamos ir. Éramos levados por algo parecido com o inglês, mas, certamente, esta não era a língua que dominava as conversações e “orientações” à porta do aeroporto. O Krio, a língua mais falada no país, dominava esta primeira passagem entre o exterior e o interior do edifício, num ritmo de uma tensa desorganização organizada.

Alguns de nós, preenchemos mais de duas folhas do formulário. Creio que os erros não vinham apenas pela mera dificuldade de preencher fichas. Penso que a tensão daquele momento levava as pessoas a preencherem campos de forma errada, completando inclusive a parte em destaque: *For Official Use Only* (apenas para uso oficial). A ficha de declaração de saúde não era das mais difíceis ou mesmo mal arquitetadas já vistas por mim, e creio que os demais passageiros não discordariam. Porém, o campo *Temperature of Traveler at Boarding* (temperatura do passageiro no momento do embarque) causava certa tensão na medida em que aventava diferentes possibilidades: entrar no país ou ser barrado no aeroporto e ser encaminhado para uma unidade de saúde, sem exatamente ter qualquer direito ou garantia. Aquele pequeno quadro vazio que seria preenchido pelo funcionário com jaleco branco – que se localizava após os guichês da imigração – lembrava que estávamos em um lugar sob estado de exceção.

Lembro-me que fazia um grande calor, preenchi a ficha, passei pelos guichês, conversei com alguns funcionários sobre Pelé e futebol no Brasil e me dirigi para a mesa em que estava de pé um jovem serra-leonense de jaleco e luvas brancas. Passei minha ficha para ele, foi então que vi pela primeira vez o termômetro digital de cor branca e em forma de pistola, que foi direcionado para minhas têmporas. O momento entre a medição de temperatura e o preenchimento daquele campo vazio pelo funcionário durou segundos, mas certamente pareceu muito mais. Foi um instante de suspensão, característica de momentos de liminaridade. Impossível aqui não recuperar a leitura de dois clássicos da Antropologia Social: Arnold van Gennep (1978) e Victor W. Turner (1974).

Sem dúvida, vivia eu, no aeroporto – nos termos do primeiro autor – uma passagem material, ou seja, rito relacionado às entradas e saídas, às fronteiras. “De maneira mais precisa é possível dizer que a porta é o limite entre o mundo estrangeiro e o mundo doméstico... Assim, ‘atravessar a soleira’ significa ingressar em um mundo novo... Observamos que os ritos realizados na própria soleira são ritos de margem” (VAN GENNEP, 1978, p. 37).

Turner, seguindo Van Gennep, elenca inúmeras características de um momento liminar, dentre elas, presentes naquele momento: silêncio, suspensão dos direitos e obrigações, momento de inversão de papéis e de notoriedade do poder dos fracos. Sentia que a minha liberdade estava na caneta daquele funcionário, que na sociedade envolvente fazia parte de um grupo de *status* inferior comparado aos muitos outros grupos e pessoas

saúde que buscava saber o histórico hospitalar anterior à estada no país, confirmando nacionalidade, endereço da estadia na Serra Leoa e telefones. Porém, não eram apenas estes os elementos pertencentes ao aparato de controle da doença e dos corpos, havia também a propaganda educativa e que chegava a sugerir, no limite, denúncias a casos suspeitos da doença.

Ou seja, os panfletos e cartazes alertavam sobre as formas de contágio, os processos de desenvolvimento e sintomas da doença (febre, vômito, diarreia), o que deveria ser evitado (*bush-meat*, que são as carnes dos animais caçados na mata, por exemplo, macacos e morcegos) e a higiene que deveria ser observada. Porém, não só sobre conselhos se tratavam estes folders, tratavam-se também de informações educativas do próprio processo do controle dos corpos e um chamamento para que toda a sociedade se encontrasse atenta ao controle da doença. Nas ruas de Freetown, e também de outras cidades, foi possível observar a existência de grande número de muros pintados alertando sobre a epidemia e demandando a precaução e o controle do vírus, assim como era possível identificar *outdoors* com alertas sobre mortes e funerais, incentivando que parentes não tocassem seus mortos. Aparato comunicacional que sempre usava do mesmo tipo de estética e iconografia, utilizando-se de desenhos que representassem a população local frente ao Ebola, algumas vezes destacando algumas frases de efeito na língua Krio.

Para além dos controles como *checkpoints*, *lockdowns* e quarentenas, presença do exército e da polícia nas estradas e comunidades, munidos de armas e termômetros, havia também um controle voltado para uma ação educativa e aconselhadora como estes folhetos, cartazes, fichas e folders, o que não necessariamente gerava menor tensão na medida em que era um dos braços de um aparato maior e mais complexo de controle e também ameaça e denúncia dos corpos, o que sem dúvidas gerou um pavor na sociedade envolvente.

Passados aqueles primeiros momentos de passagem material, de entrada naquele novo mundo; breve, saberia eu que este estado liminar, transitório e de trânsito, momento de suspensão, havia ganhado a cena do país. Ou seja, seguindo a possibilidade aventada por Turner (1974), aquele estado transitório havia se tornado constante, de certa forma institucionalizado na Serra Leoa. Os *checkpoints* não eram pois algo temporário, haviam ganhado um lugar garantido no país. Assim, o estado de exceção se prolongava tornando-se um estado permanente. A partir de John Dawsey, que segue o experimento de uma

antropologia da experiência/antropologia benjaminiana, pode-se dizer que ali estava o retrato movente do “espantoso cotidiano” em que “o extraordinário se revela como cotidiano”. “Levando-nos a falar de um cotidiano extraordinário ou extraordinário cotidiano, que se configura na experiência de um quase susto ou pasmo diário” (DAWSEY, 2005, p. 21).



Figura 2: Folheto disposto nas mesas do aeroporto Lungi International.

Serra Leoa, outubro de 2015.



Figuras 3 e 4: Folder (frente e verso) distribuído no aeroporto de Lungi International Serra Leoa, outubro de 2015

Freetown: Um cenário de guerra (?)

Depois de cruzar o mar num *ferry boat*, chegamos a Freetown, o píer estava lotado de gente e chovia bastante. Quando me deparei com um homem carregando uma folha de papel com meu nome manuscrito. Era Mohamed, o sobrinho de minha futura supervisora no país, Aisha Fofana Ibrahim¹. Entramos no carro em direção à casa onde residiria parte da minha estada no país. Enquanto a chuva diminua e o céu se tornava rosa avermelhado, eu observava a cidade pela janela.

Primeiramente, impressionou-me sobremaneira as grandes vias de acesso como avenidas e estradas, muitas delas implementadas por companhias chinesas. Sendo uma pessoa que mora em São Paulo, talvez não ficasse espantada com o tráfego intenso de carros. Ao contrário, choquei-me com o trânsito, demoramos cerca de uma hora e meia em um trajeto curto. Observava os muros com frases imperativas de alerta ao Ebola, muitas propagandas/*outdoors* que mostravam campanhas, do governo e também de organismos internacionais, de prevenção à epidemia.

Porém, o que mais chamava atenção era a quantidade de embaixadas, prédios de ONGS internacionais e a imensa quantidade de carros importados de grande porte pertencentes a organizações internacionais, algo muito além do que o já esperado Médecins Sans Frontières. Alguns exemplos são: UK Aid, USA Aid, China Aid, Plan International, ChildFund International, UN, Unicef, Partners in Health, Red Cross, dentre inúmeras outras. Ou seja, uma incontável frota de veículos de organizações internacionais responsáveis por ações humanitárias. Atrás de cada carro daquele existiam vários outros carros da mesma organização cruzando a capital e as rodovias do país, uma estrutura de apoio que inclui motoristas locais, escritórios, *guest houses* (casa de convidados), equipes estrangeiras de especialistas e voluntários, tanto europeias quanto estadunidenses. Isso sem contar as ações de ajuda humanitária levadas e implementadas por missionários religiosos estrangeiros.

Lembro-me de pensar: “isso parece um cenário de guerra”. Risível na medida em que jamais havia estado em um local em guerra. O interessante talvez seja refletir sobre o

¹ Aisha Fofana Ibrahim é professora e pesquisadora da Fourah Bay College (FBC) – University of Sierra Leone. Na época, 2015-2016, coordenadora do Institute for Gender Research and Documentation (INGRADO) e presidenta da organização local 50/50, grupo que promove o empoderamento e participação das mulheres na política do país.

quê me levou a ter este breve pensamento enquanto via Freetown pela primeira vez. Para esta reflexão convoco o antropólogo Allen Feldman (1994) e a filósofa Susan Sontag (2003).

É comum, agora, que as pessoas, ao se referirem a sua experiência de um fato violento em que se viram envolvidas – um desastre de avião, um tiroteio, um atentado terrorista -, insistam em dizer que “parecia um filme”. Isso é dito a fim de explicar como foi real, pois outras qualificações se mostram insuficientes. Enquanto muitas pessoas, em países não industrializados, ainda se sentem apreensivas ao ser fotografadas, suspeitando tratar-se de algum tipo de transgressão, um ato de desrespeito, um saque sublimado da personalidade ou da cultura, as pessoas de países industrializados procuram ser fotografadas – sentem que são imagens e que as fotos as tornam reais. (SONTAG, 2004, p 177 e 178).

Como aquela cena que via pôde ser associada a um cenário de guerra? Para tanto, precisaria de conexões imagéticas: propagandas televisivas, filmes, reportagens jornalísticas. A produção da cultura do medo através das imagens tudo tem que ver com Serra Leoa. Refiro-me não somente ao jornalismo de guerra, mas igualmente, talvez principalmente, à produção cinematográfica dos últimos anos, que reforçou esta imagem do terror para uma grande massa de telespectadores através do cinema hollywoodiano. Destacam-se aqui os filmes *Lord of War (O senhor das armas)* de 2005, que teve como protagonista Nicolas Cage, e, protagonizado por Leonardo de Caprio: *Diamonds of Blood (Diamantes de Sangue)* de 2007. Os filmes não possuem um compromisso com precisões históricas, mas certamente fazem parte da máquina de reprodução da cultura do terror que envolve o país. Desta maneira, Serra Leoa pode ser um lugar desconhecido pelas pessoas no que tange à geografia física, mas jamais em relação à geografia imaginária do terror (cartografia do medo). Pelo contrário, ela é bem situada nesta última como sendo o espaço de uma das guerras civis mais violentas da história do século XX.

Interessante também pensar que muitas das imagens de ações humanitárias, que chegam até nós, estão fortemente vinculadas a discursos e produções imagéticas de tom marcial. A ação humanitária possui um forte apelo propagandístico, visando atingir doações de empresas e cidadãos comuns, que muitas vezes não sabem exatamente o local e a forma de atuação destas instituições. Nesta frente midiática, para atingir a sociedade civil, a linguagem – geralmente associada a imagens – busca utilizar um tom emotivo para

mobilizar a compaixão, mas também se utiliza de uma fala de conotação marcial como “combater uma epidemia”, “exército de voluntários”, “batalha contra o vírus”, “guerra à fome”, “luta contra a miséria”, “o mundo perdendo a batalha para o Ebola”, “combate às desigualdades sociais”, “armas contra o abuso sexual”, dentre inúmeros outros. Ou seja, independente da causa humanitária, ao redor do mundo, o discurso e as imagens marciais/militares são alguns dos protagonistas em cena.

Desta forma, a impressão (“cenário de guerra”), ao atravessar a cidade de Freetown, não estava atrelada à existência de um verdadeiro exército governamental ou mesmo internacional. Estava vinculada à construção feita pelas agências de ações humanitárias de que as mesmas possuem “exércitos”, estes que combatem as mazelas ao redor do mundo. De fato, em Freetown, a presença deste “exército” era notável. Assim, a construção midiática em torno destas agências influenciou sobremaneira a percepção introjetada por estrangeiros turistas, comerciantes e pesquisadores a respeito de lugares como Serra Leoa. Ou seja, quando se chega a um lugar como este, já existe, a priori, uma bagagem de imagens, discursos e informações que perpassam pela propaganda das agências humanitárias, pelas grandes corporações da mídia internacional e entretenimento.

Ainda em outro lugar, afirma Sontag: “Ser um espectador de calamidades ocorridas em outro país é uma experiência moderna essencial, a dádiva acumulada durante mais de um século e meio graças a esses turistas profissionais e especializados conhecidos como jornalistas.” (SONTAG, 2003, p. 23). A vasta quantidade de imagens e informações sobre este outro distante, que não necessariamente informam e que muitas vezes são descontextualizadas, gera dois fenômenos interligados: a “cultura do medo” e a “anestesia cultural”.

A mídia performa a “violência exótica”. Assim, podemos, por exemplo, acompanhar as tensas questões políticas da região da Palestina, as atuações violentas do grupo extremista Boko Haram na Nigéria ou as atitudes terroristas do DAESH, o que gera uma ideia de pavor em relação a este Outro distante, entendido muitas vezes, de forma generalizante, como árabe ou africano. As zonas destes conflitos são cartografadas como áreas perigosas, de gente “bárbara”. Estes lugares e outros devem ser temidos e evitados, mas não necessariamente conhecidos e compreendidos. Enquanto telespectadores ou navegadores da Internet, não nos informarmos sobre a complexidade envolvendo estas regiões, grupos, etnias e disputas. Desta maneira são formatadas as molduras cristalizantes

e monolíticas da Violência e dos violentos. Assim, estamos o tempo todo nos alimentando, reproduzindo e construindo a cultura do medo e do terror, mas de forma alguma, buscamos nos inteirar de fazendo referência a Feldman, reflete o antropólogo francês Didier Fassin:

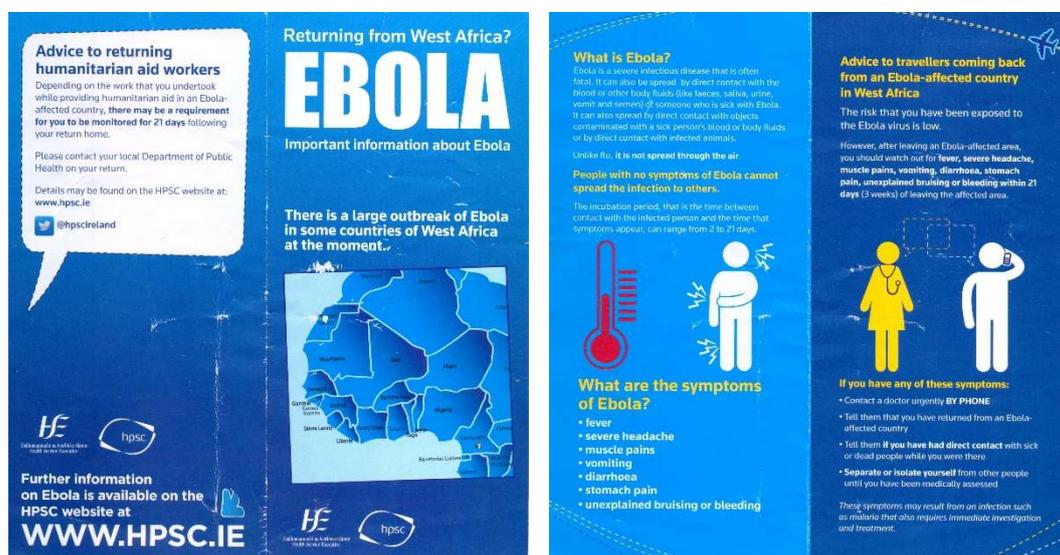
Causar sofrimento e ignorar o sofrimento são para Feldman as duas faces da mesma realidade contemporânea. "Generalidades dos corpos - mortos, feridos, famintos, doentes e desabrigados" - como a mídia nos permite apreender a desordem global ... Nós sabemos que eles existem porque a imprensa nos conta sobre e a televisão os mostra para nós, mas não sentimos a necessidade de saber mais a respeito. (FASSIN, 2007, p. XII, tradução minha).²

A guerra civil e a epidemia de Ebola vividas em momentos diferentes na Serra Leoa estão inseridos nesta imagem generalizada do terror e do medo, que circula o mundo, mas da qual não buscamos nos inteirar. Pelo contrário, continuamos – enquanto espectadores – flutuando na superficialidade dos eventos, atentos apenas, como no caso do Ebola, que o vírus não atravessasse as margens do continente africano. Inseridas nestas construções da cultura do medo estão também as minhas primeiras percepções da capital de Serra Leoa.

Uma destas muitas produções midiáticas, que podem passar despercebidas e apenas como simples informativo, é o folder (a seguir, no texto) distribuído nos aeroportos europeus com o presumido intento de apenas alertar sobre a epidemia. Dentre alguns aspectos que chamam atenção, o que reproduz a cultura do medo é certamente a primeira página que destaca uma grande parte do mapa do continente africano, focando principalmente na África do Oeste. O “informativo” coloca países diferentes no mesmo espectro da cartografia do medo, sendo que ocupavam relações completamente diferentes com a epidemia. Sendo uma produção midiática do gênero “informativo” que generaliza os vários outros, colocando-os em um grupo homogêneo. Ou seja, uma produção que recorta um território e um grupo específico – no caso, a África e o africano monolíticos - como perigosos, propagando e propagandeando o medo do Outro.

² Texto original: *Causing suffering and ignoring suffering are for Feldman the two faces of the same contemporary reality. “Generalities of bodies – dead, wounded, starving, diseased, and homeless” - as the media allow us to apprehend the global disorder... We know that they exist because the press tell us so and television shows them to us, but we feel no need to know more.* (FASSIN, 2007, p. XII).

Imprescindível notar que a parte da África com maior destaque no folheto é referente a África Negra. Assim, o Outro específico causador do medo alheio é generalizado como africano e negro. O quê pode causar graves consequências, como por exemplo o caso dos refugiados haitianos agredidos no Brasil, no estado do Paraná (2014), por serem entendidos como africanos, possíveis doentes do vírus Ebola (cf. BRUM, 2014). Qual marca gerou a agressão? A raça. Esta questão específica requer uma reflexão com maior zelo e espaço, não é o tema deste ensaio, mas é apontada como uma das muitas consequências da produção e da reprodução da cultura do medo (ao Outro, a um determinado território).



Figuras 5 e 6: Folder (frente e verso) distribuído nos aeroportos europeus
Berlim/Alemanha – 2014

Assim, estou certa de que aquelas impressões que tive de Freetown estavam relacionadas a imagens preexistentes e produzidas pela complexa trama das imagens criadas e propagadas pela mídia internacional e pelas agências humanitárias. Estes organismos estão localizados em uma linha tênue entre “compaixão e repressão”, para voltar a Didier Fassin (2005). Portanto, aquilo que via na chegada a Freetown, e que associei à construção das ações humanitárias, nada mais era do que um dos elementos do dia a dia. Talvez um cotidiano extraordinário para um olhar ocidentalizado, mas que não se tenha dúvidas que não deixa de ser o cotidiano pelo o qual as pessoas transitam e tecem relações tensas e densas. Tendo sempre em mente que estas relações não são exatamente tranquilas, mas

sem dúvida os serra-leonenses se movem entre tais organismos humanitários, algumas vezes agenciando protagonismos, e outras tantas, tendo papéis secundários.

Necessário ter em mente que as agências humanitárias não são novas em África, no caso de Serra Leoa fizeram parte de sua (re)democratização e também atuam na linha de frente da resolução dos problemas econômicos e sociopolíticos do país na medida em que Salone conta com a existência de um Estado fraco e tantas vezes ausente. Existe uma importante discussão sobre a atuação da *Aid Industry*, “*Indústria da Ajuda*” e suas relações com o Estado e a sociedade civil em África, uma relação antiga e complexa, o que pretendo discutir futuramente com mais vagar.

À primeira vista, o cenário cotidiano de Freetown pode se confundir com toda a bagagem imagética da “violência exótica” que recebemos a todo momento pelas diversas máquinas midiáticas. De modo algum pretendo dizer que não existe a violência, o medo, a doença e a pobreza. Porém, não necessariamente as pessoas se relacionam com estes eventos, sentimentos e fenômenos sociais de uma forma tão espetacularizada como colocada pelos órgãos que se pautam e seguem a “razão humanitária” para a realização de suas ações alhures. Creio que este seja o caso do Ebola, ou seja, houve um descompasso entre a espetacularização internacional da mídia comum, a propaganda produzida pelos órgãos humanitários e o “real” modo como as pessoas na Serra Leoa pareciam lidar com a epidemia.

Importante dizer que cheguei na Serra Leoa em um momento em que o Ebola estava sob controle, contavam-se os dias para que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse o país livre da epidemia. No entanto, não deixava de ser um momento tenso e de controle dos corpos, como por exemplo, o controle do trânsito de pessoas entre cidades, através de vários postos policiais pelas estradas. Havia o receio de que faltando menos de um mês para que a doença fosse declarada “extinta” no país, aparecesse alguma pessoa contaminada pelo vírus, o que significaria uma rede de possíveis doentes. Pairava no ar uma tranquilidade tensa.

Porém, esta tensão preocupava muito mais as autoridades médico-sanitárias e policiais do que de fato os habitantes do país. Nas primeiras semanas em Freetown, via as pessoas seguindo suas vidas, as ruas cheias das barracas que vendiam todos os tipos de produtos desde pão, ovos cozidos a cartelas de comprimidos para variadas dores e

enfermidades, crianças indo e voltando da escola com seus uniformes coloridos. A vida por lá, fervilhava.

Uma estudante da Fourah Bay College - Universidade de Serra Leoa, residente de Freetown, dizia-me de sua insatisfação em relação ao modo como o Ebola, naquela região, havia sido transmitido midiaticamente ao mundo. A jovem serra-leonense apontou que acompanhou muitas reportagens contendo imagens e informações descontextualizadas, por exemplo, imagens de Freetown com texto sobre Monrovia (capital da Libéria), vice-versa. Acrescentou que as reportagens mostravam corpos de doentes e mortos pelo Ebola espalhados pelas ruas, identificando o lugar como sendo a capital de Serra Leoa. Porém, segundo ela, aquelas cenas desesperadoras não eram vistas em Freetown. Explicou-me que, como qualquer outra capital, também Freetown possuía mais estrutura do que as outras regiões do país. Sendo assim, ela confirmava que os moradores da capital viveram momentos de apreensões, mas nada igualado ao terror da superexploração midiática. Com o decorrer do tempo, pude notar que o Ebola – apesar de sua internacionalização midiática – é uma doença da casa, do domicílio, das pequenas comunidades. Por isso mesmo, suponho que tenha atingido muito mais as mulheres, por serem estas as responsáveis pelas atividades do cuidado com a casa, com os filhos, com os velhos e com os parentes de forma geral. Atingiu também em maiores proporções as comunidades interioranas do que a capital e as cidades médias.

Para além do que eu havia acompanhado pelas mídias brasileira e internacional anteriormente, os cartazes e muros pintados alertando sobre o Ebola, alguns poucos lugares fechados na capital por conta do vírus, os baldes para a higienização das mãos nas entradas de muitos estabelecimentos públicos e privados de Freetown, muito além do pavor midiaticizado pelas agências internacionais; havia uma vida vibrante e uma narrativa local que urgia por dar outro foco à epidemia. Ou seja, este trabalho de campo tem sido para mim uma balança – não precisa – tentando entender como as pessoas locais experienciaram a epidemia e seus deslocamentos, continuando vivendo, e para isso, muitas vezes posso incorrer em minimizar a gravidade da doença altamente transmissível e com grande letalidade. Sinto-me entre exageros, tentando percorrer gravidades que perpassavam a epidemia e conferiam um novo *status quo* àquela parte do Oeste Africano. Gravidades prontamente visíveis como a doença em si e outras gravidades dos bastidores da epidemia como as medidas abusivas abrangendo o controle dos corpos, o uso arbitrário

da força e do poder político e policial, até a corrupção envolvendo o dinheiro das doações, o *Ebola Money* (*Dinheiro do Ebola*).

Para além de temer a epidemia, o observador há que temer o discurso espetacularizado de medo e terror envolvendo esta. Só assim, com a atenção redobrada, poderá ser capaz de ir ao encontro de outras narrativas sobre o evento. As epidemias de um modo geral – não só o Ebola – são perigosas não apenas porque causam mortes, mas além, são o motor para omissões, desvios, abusos de poder e de linguagem, como a própria produção da escrita e das imagens. Como alerta o antropólogo estadunidense Michael Taussig (1993), faz-se necessário um cuidado especial na escrita que se pretende contra a cultura do terror, pois, dependendo de como esta se dá, qual a gramática que usa, ela pode ser uma escrita violenta, podendo reforçar a própria cultura do terror. Neste sentido, levando a sério o conselho antropológico de Tussig, faz-se importante uma escuta atenta, mas não só, é imprescindível escritas midiáticas e acadêmicas vigilantes de si próprias.

Buscando pensar os abusos envolvendo Epidemia de Ebola na Serra Leoa, fazendo uma comparação com o Brasil, recupero a Revolta da Vacina, ocorrida no Rio de Janeiro em 1904. Diz o historiador Marco Cabral dos Santos:

Contando com uma população de mais de 800 mil habitantes, a cidade era constantemente vitimada por surtos de febre amarela, varíola, peste bubônica, malária, tifo e tuberculose. Na tentativa de pôr fim a esse triste quadro epidemiológico, o presidente Rodrigues Alves convocou o médico sanitário Oswaldo Cruz, que, de imediato, pôs em marcha um ambicioso plano de saneamento e higienização da cidade. Seu projeto, porém, envolvia controvertidas medidas de controle da população e de seus hábitos de higiene. Por ter um caráter autoritário e invasivo, adentrando lares e desrespeitando privacidades, sobretudo da população mais pobre, a nova política sanitária foi alvo da mais hostil reação popular... Os funcionários tinham o poder de invadir as casas e quebrar a inviolabilidade dos lares cariocas... (SANTOS, 2005, s/p).

Mais recentemente os casos de Zika levaram o exército às ruas de São Paulo, e também de outras capitais do país, para distribuir folhetos alertando sobre a doença. Nas últimas semanas de junho do ano de 2016, vários atletas estrangeiros demonstraram medo de participarem das Olimpíadas do Brasil, a serem realizadas no Rio de Janeiro, por conta da epidemia de Zika. Alguns chegaram mesmo a cancelar suas participações no evento

esportivo. O alvoroço provocado pelo Zika vírus, leva-me a pensar a espetacularização da doença – através das mais diversas plataformas midiáticas - por conta dos jogos olímpicos.

Em 2016, finalizando a primeira estada em campo, quando voltava de Serra Leoa para o Brasil, ao chegar em São Paulo, o capitão da aeronave alertava a todos os estrangeiros a bordo sobre a gravidade do Zika vírus. Os passageiros ouviam atentamente. A voz do comandante era de um tom artificialmente grave e os rostos dos passageiros europeus não estavam exatamente tranquilos. Eu estava impaciente com aquele discurso, foi então que me lembrei de como os discursos de pavor ao redor do Ebola, feitos pela mídia e pelas agências internacionais de saúde e segurança – apesar de ser uma doença altamente contagiosa e letal – não necessariamente eram os mesmos discursos das pessoas locais. Obviamente, em ambos os discursos há o lugar do medo e do perigo, mas não exatamente da mesma forma. Há, pois, os que têm medo do Ebola, mas também me deparei com aqueles que sentiam medo do exército.

Checkpoints: viajando para e pelo país

Durante o ano de 2014 - mais precisamente durante o mês de agosto, ponto auge da epidemia - as fronteiras de alguns países do continente africano foram fechadas aos viajantes vindos da Guiné-Conacri, de Serra Leoa e da Libéria. Foram sendo fechadas uma atrás da outra, quase que efeito em cascata: Quênia, Costa do Marfim, África do Sul, Chade, Senegal, dentro outros. Alguns destes países, inclusive, fecharam fronteiras com a economicamente forte Nigéria na medida em que ela, nesta época, tinha apresentado 15 casos da doença. Este bloqueio ocorreu mesmo com advertência feita pela OMS de que as fronteiras não fossem fechadas, o que poderia desencadear escassez de suprimentos nos países mais afetados.

A princípio, tanto os governos locais destes três países quanto a OMS tentaram assegurar um clima de controle sobre a epidemia. Porém, logo se espalhou uma onda de pavor. Sabido era que, cedo ou tarde, os organismos locais e internacionais iriam controlar a epidemia, não se tinha qualquer dúvida. Havia histórico de epidemias de grande porte controladas ao redor do mundo, muitas na própria África. A grande dúvida, que com o tempo foi se tornando cada vez mais real, era se estes órgãos (de saúde, de segurança e de ajuda humanitária) conseguiriam controlar o discurso de medo e terror sobre o vírus. De

fato, a partir do momento em que este discurso de pavor foi construído, ele seguiu sendo inflado e não contido.

Nos meados de 2014, a situação se tornou realmente crítica, além do fechamento de fronteiras, as empresas aéreas começaram a cancelar seus voos para estes três países da África do Oeste. Em um determinado momento, por exemplo, apenas uma companhia fazia o trajeto até a Serra Leoa, e o valor da passagem ultrapassava trinta mil reais. Esta alta nos preços dos *tickets* de viagem estava diretamente relacionada à nova cartografia do medo. Diz o antropólogo cingalês/sirilankês Pradeep Jeganathan: “Tais lugares são remapeados, repeditamente, dentro de novos arranjos especiais. Novas cartografias, baseadas na antecipação da violência... cartografias da violência antecipada, mapeando o futuro amedrontador.” (PRADEEP, 2004, p. 68, tradução minha)³.

Pradeep trata as barreiras denominadas *checkpoint* como um objeto antropológico, mostrando que este é uma tentativa de antecipação da violência, acrescento, no caso de Serra Leoa, do controle da Epidemia de Ebola. Serra Leoa era, assim como o Sri Lanka retratado por Pradeep, um lugar de *checkpoints*. Viajando pelo país, de Freetown a Waterloo, passando pelos distritos Makeni, Kono, Kailahun e chegando a Kenema (ver mapa, tópico IV) – de carro ou ônibus – foram inúmeras as paradas, nos inúmeros *checkpoints* ao longo das estradas. Vez por outra, além da medição de nossa temperatura, nós, os viajantes, tínhamos que sair dos veículos para passarmos por uma precária tenda policial-militar para higienização das mãos. Mesmo que a vida seguisse o seu caminho, como diz o autor cingalês, passar pelo *checkpoint* é lembrar o porquê de sua existência. No caso de Serra Leoa, os *checkpoints* lembravam que o Ebola não havia acabado e que, de alguma forma, ele estava por todo o lugar.

Atravessar *checkpoints* era comum e por vezes, os passageiros faziam de forma letárgica e sonolenta a fila indiana para ultrapassá-los. Porém, por ser comum, não deixava de ser um momento de apreensão, afinal era o momento de lembrar o que estava ocorrendo no país. Estas pequenas e precárias tendas, que reuniam homens e mulheres da polícia e do exército, podiam representar constrangimentos, empecilhos e abusos de poder. Um lugar não amigável de demonstração de pequenos poderes e da ameaça que envolve o controle dos corpos, dos direitos e pode levar a pequenas propinas e corrupções.

³ Texto original: *Such places are remapped, again and again, into new special arrangements. New Cartographies, predicated on the anticipation of violence... cartographies of anticipated violence, mapping of terrifying future.* (PRADEEP, 2004, p. 68).

Depois de passar por inúmeros *checkpoints* pelo país, já estando o país declarado livre da Epidemia de Ebola, fui convidada para um ritual de morte na comunidade onde nascera a família da professora Aisha Fofana Ibrahim. A comunidade de origem de Fofana está a 4 horas de Freetown e 3 horas da Guiné-Conacri. Obviamente que os *checkpoints* não desapareceram por conta do anúncio do “Zero Ebola” (fim da epidemia decretado pela OMS em novembro de 2015), em alguns lugares parecem ter ficado inclusive mais rígidos na medida em que o controle se tornou responsável por não permitir a volta da epidemia. Antes de chegar à comunidade natal da família Fofana, fomos parados em um *checkpoint*, os policiais pediram passaportes. A professora explicava que não iríamos para Guiné e sim para a vila de sua família. Apesar das explicações, os guardas se mostravam fixos a suas posições. Foi preciso Fofana falar de sua rede parental para que então o guarda reconhecesse os nomes e nos liberasse, não sem antes pedir meu passaporte e medir nossas temperaturas.

Quanto mais próximos das fronteiras com Libéria e Guiné-Conacri eram os *checkpoints*, maior parecia a intransigência dos agentes do governo, geralmente de baixa patente, que usavam de seus pequenos poderes para controlar, constranger e intimidar. E, ali, estávamos nós, querendo nos dirigir a uma região próxima à fronteira com a Guiné, por onde – supostamente – o vírus do Ebola teria chegado a Serra Leoa. “Penso que não exista melhor lugar onde o Estado possa performar a mágica da ilegibilidade com tal precisão de tirar o fôlego” (PRADDEP, 2004, p. 72, tradução minha)⁴.

Checkpoints são lugares, barreiras tensas, pois, como disse Pradeep, fazem com que cidadãos e estrangeiros lembrem o motivo de sua existência, podendo ser por conta de conflitos, ameaças, guerras. Na Serra Leoa, os *checkpoints* eram marcos de passagem – liberação ou restrição/contenção – que informavam sobre uma epidemia “mortal” e contagiosa. Em princípio, esta afirmação é clara. Porém, os *checkpoints* na Serra Leoa não apenas tensionavam o momento presente - da epidemia - como também reavivavam momentos tensos do passado, a guerra civil dos anos de 1990. As barreiras surpresas, ou não, eram algo costumeiro durante a guerra, tanto por parte das autoridades de Estado como por rebeldes. Sendo assim, durante a guerra, ao transitar, as pessoas optavam pela mata, tentando evitar os postos policiais e também aqueles improvisados pelos rebeldes.

⁴ Texto original: *I can think of no better place where the state performs the magic of its illegibility with such breathtaking precision.* (PRADDEP, 2004, p. 72).

É comum serra-leonenses fazerem comentários que comparam o Ebola à guerra, alguns chegando a dizer que o Ebola foi muito pior do que a guerra, mesmo tendo durado um período de tempo menor. No ano de 2017, em Devil Hole, comunidade próxima a Freetown, fechada pelo exército durante a epidemia, que viveu em quarentena e onde seus habitantes eram vigiados pelos policiais, sendo proibida a entrada ou saída de pessoas da comunidade e mesmo o trânsito dos membros em seu interior, conversei com Oba, chefe do lugar. Oba, um senhor idoso, fez comparações entre os dois eventos: “o Ebola foi muito pior do que a guerra. Na guerra a gente, pelo menos, conseguia se deslocar pelo mato”.

Em Monki Bush, comunidade Themne, próxima a Devil Hole, a chefe da comunidade sugeriu algo semelhante, disse-me Aminata: “Durante o Ebola a gente não podia ir daqui até ali, existia uma faixa que separava a comunidade, a gente não ia até o outro lado e tinha medo de todo mundo”.

Em 2017, quando estive em campo pela segunda vez, nas duas comunidades onde morei, Komende Luyama e Devil Hole e também quando visitei a maior favela de Freetown, Kru Bay, localizada numa baía rodeada de mar, porcos e lixo, muito ouvi sobre os abusos cometidos pelo aparato policial-militar e médico-militar. O que darei mais foco a seguir.

Lugares de medo



Figura: 7: Mapa da Serra Leoa

Disponível em: < <http://serraleoablog.blogspot.com.br> >. Acesso em: março de 2017

Komende Luyama é uma pequena comunidade da etnia Mende, com 60 casas e pouco mais de mil habitantes, aproximadamente 30 minutos do distrito de Kenema, distrito que está a 7 horas da capital Freetown. Nos meados de 2014, esta comunidade foi tida como lugar de evitação na medida em que foi tomada pela Epidemia de Ebola, vivendo épocas de quarentena e tendo 27 casas fechadas (*lockdowns*), inclusive o centro de saúde. Os moradores das casa fechadas não podiam sair de suas residências para nenhuma atividade ou ter contado com moradores de outras casas da comunidade. Por lá, vivi, em 2015 e em 2017, algum tempo. Estabeleci-me no centro de saúde onde moram as duas enfermeiras do lugar: Doris e Benita.

Através do contato com os moradores da comunidade, com os chefes locais, as Mama Queens (representantes das mulheres), os sobreviventes da doença e as enfermeiras, fui entendendo o motivo pelo qual Komende havia se tornado, durante o ano 2014, um lugar de medo e distanciamento para os moradores do entorno e da maior cidade da região.

Além de ser evitada, Komende foi uma região tomada pelo exército, assim havia a proibição de se entrar ou sair do local. Sendo uma comunidade rural, aqueles que possuíam *gardens* ou *farms* eram autorizados a trabalharem em suas roças, mas tinham que voltar até cinco da tarde, o que era monitorado pelos homens do exército. Uma das outras funções atribuídas à equipe de policiamento era “capturar” pessoas que tentassem fugir durante a madrugada, fato comum em todo país na medida em o medo de ser contaminado ou ser dado/entendido como contaminado levava a atitudes semelhantes.

O aparato médico-militar se complementava e se legitimava em Komende. Toda manhã, a enfermeira Doris visitava cada casa da comunidade para identificar possíveis doentes, para isso, tinha assegurado este direito de entrar na casa das pessoas, e inquiri-las sobre sintomas, a partir do acompanhamento que recebia de homens do exército. Do mesmo modo, quando suspeitavam de algum caso, as enfermeiras ligavam para os hospitais e avisavam o aparato policial, que passou a viver na comunidade no intuito de controlar os membros desta. Doris, emocionada, declarou que se sentiu muito só durante a epidemia, pois muitas pessoas a acusaram de apontado como doentes pessoas da comunidade, sendo estas obrigadas pela polícia a se direcionarem, em ambulâncias, para hospitais. Muitos dos moradores a acusaram de colaborar com a polícia e com os médicos que levaram seus parentes, estes que não mais voltaram. Porém, a enfermeira afirma que trabalhou para o país, para o Governo e para o bem da comunidade.

De fato, muitas das narrativas estão impregnadas de ressentimentos, mesmo que os moradores digam ter superado as desavenças. Quatro pessoas foram presas por permitirem a entrada de indivíduos não pertencentes à comunidade durante o clímax da epidemia. Dentre elas, um dos chefes da comunidade - o *Chief Speaker*, aquele responsável pelo pronunciamento das decisões tomadas - que desde então foi substituído por outro líder, não conseguindo desde então reestabelecer seu *status*. Confessou-me que este acontecimento muito o abalou. Estas quatro pessoas foram denunciadas pelo Chefe da Seção, que está acima dos chefes locais, sendo o responsável por várias comunidades. O mal-estar gerado era visível, até mesmo três anos após o acontecido, em 2017. Ou seja, o controle dos corpos na região modificou as relações de poder e hierarquia dentro das comunidades, produziu diversos afetos, como por exemplo o ressentimento, o que é bem claro nas falas de Doris e do *Chief-Speaker*.

Interessada em saber como era viver em Komende durante este momento de quarentena, para além das falas de ressentimento, ouvi narrativas que relembram a solidão do isolamento, Mustafa – jovem de 32 anos que concorrerá ao cargo de chefe em 2018 - com um olhar longe, de quem olha para o passado, quase que suspirou: “No período do Ebola? Ah... No período do Ebola, Komende era só silêncio!”

O que é confirmado por Mojama, uma menina de quinze anos, que na época da epidemia tinha por volta de doze anos. Quando perguntei como era a vida das crianças, ela me disse: “A gente não podia ir nem na varanda, ficávamos quietas, sentadas no banco. A gente não podia encostar uma na outra. Eu e Sata ficávamos de longe... tipo eu aqui e ela ai, onde você está”.

Por várias vezes, escutei relatos como o de Mojama, que de alguma forma apontavam para o isolamento e a solidão da falta de toque. Oba, o chefe de Devil Hole, que foi um dos primeiros contaminados pelo vírus em sua comunidade disse: “Era difícil... Ninguém encostava na gente, a mulher não encostava, ficava longe... passavam a comida pra mim assim de longe, por debaixo da porta, pelo chão...”

Também Doris narra a evitação do toque e do contato. Relatou que durante o *Ebola Outbreak* (surto de Ebola), os policiais moravam em Komende e que as mulheres da comunidade cozinhavam para estes homens. Desabafa a enfermeira: “a gente cozinhava pra eles, mas eles não comiam nossa comida, não queriam encostar... tinham medo da gente” A fala certamente vai ao encontro da fala de Anti Amin, senhora que vive em Devil

Hole, que conta do momento em que os militares viviam em sua comunidade: “eles moravam nas casas que não tinham sido contaminadas pelo Ebola. Eles ficavam distante da gente. Era assim... eles com medo da gente, e a gente com medo deles [risos]”

Outros tantos relatos apontam para o pavor ao aparato policial, como a fala de Joseph, jovem de 20 anos, morador de Komende. Ao ser questionado por mim sobre o medo do Ebola, responde: “nós sentíamos medo do Ebola, mas também... nós sentíamos medo da polícia e do exército!”. E acrescentam as crianças de Devil Hole:

Aaabooh... a polícia mandava a gente abaixar as calças e batia na gente, se achassem que estávamos fazendo alguma coisa errada. A minha mãe escondeu minha irmã que estava doente, com febre, porque se os policiais a vissem, mandava ela pro hospital e ela não voltava mais.

Muitos destes excertos servem para demonstrar que o papel dado à polícia e ao exército em uma epidemia é algo a ser colocado em foco, a estas instituições muitas vezes são dados poderes irrestritos para a garantia da eficiência do aparato médico. Dessa forma, medicina e força militar formam o entrosado aparato médico-militar. É compreensível o medo à associação destes dois setores, porém, mais compreensível ainda se torna este medo quando sabe-se que Serra Leoa viveu uma recente guerra civil de mais de dez anos, quando muitos dos jovens e adultos que viam com receio a militarização da saúde como Joseph, eram apenas crianças e adolescentes.

A longa guerra civil na Serra Leoa – de 1991 a 2002 - afetou o país em todas as áreas, com uma grande perda humana e consequências econômicas que abalam até os dias atuais a vida da população local. A partir de vários desmandos e corrupção no/do Estado, foi formada uma oposição – Revolutionary United Front (RUF) – que dizia ter o propósito de retirar o país de seguidos governos corruptos e ditatoriais, além de refutar o legado da colonização inglesa que ultrapassava a independência de Serra Leoa, ocorrida no ano de 1961. Porém, em pouco tempo, a falta de clareza nos objetivos deste grupo pôde ser notada. Com o intuito de manterem a guerra e o contrabando de armas, acabaram por usar a exploração do diamante e o recrutamento forçado de crianças para a função de soldados.

A natureza da RUF – um movimento rebelde sem um programa político claro... (...) O terror e a brutalidade que foram a marca dos dez anos da guerra rebelde não são refletidos totalmente nos 60.000 que perderam

suas vidas ou na estimativa de 100.000 indivíduos que foram mutilados. Quando acrescentamos a estes números, um milhão de pessoas desabrigados e o meio milhão de pessoas que foram forçadas a se tornarem refugiados nos países vizinhos, começamos a ter uma fotografia clara da ruptura causada pela guerra. Há uma estimativa de que mais de 257.000 mulheres e meninas tenham sido estupradas nesta guerra sem sentido. (FOFANA IBRAHIM, 2006, pp.15-17, tradução minha)⁵.

Acrescento aqui, a análise de Didier Fassin sobre os campos de refugiados, de imigrantes. Uso a leitura de Fassin para pensar a situação do “fechamento” de Komende Luyama, como também de outras inúmeras comunidades de Serra Leoa, como da Guiné-Conacri e da Libéria.

Essa economia moral define o escopo da biopolítica contemporânea considerada como a política que lida com as vidas dos indesejados e outros que sofrem... Os campos correspondem a uma resposta específica a problemas da ordem pública pela instituição de pequenos territórios de exceção. O que justifica esses estados de exceção locais é uma emergência que faz com que a junção de pessoas pareça ser uma solução prática. Mas a suspensão das normas sociais costumeiras só é aceita porque vale apenas para os sujeitos ‘indesejáveis’. A situação, que deveria ser considerada intolerável, é de fato tolerada por causa da ameaça à ordem pública representada pelos imigrantes, inimigos, comunistas, ciganos, judeus e colaboradores. (FASSIN, 2014, s/p).

Insiro os doentes e sobreviventes à fala (acima) de Fassin. Nestes locais de exceção, a saúde e o estado policial andam juntos. Sendo a medicina um braço de controle das agências de segurança, e vice-versa. Durante minha estada em Komende, Doris, a enfermeira com quem mais convivi, mostrou-me uma foto em que usava um *cap* vermelho, uma boina que faz parte da vestimenta do exército local e disse-me em um tom entre a

⁵ Texto original: *The nature of the RUF – a rebel movement without a clear political program... (...) The terror and brutality that were the hallmark of ten year rebel war are not fully reflected in the 60.000 who reportedly lost their lives or the estimated 100.000 individuals who were mutilated. When we add to these figures the one million internally displaced and the half a million who were forced to become refugees in neighboring countries we begin to get a clear Picture of the disruption caused by the war. Over 257.000 women and girls are estimated to have been raped in the senseless war.* (FOFANA IBRAHIM, 2006, págs. 15 a 17).

ironia, a aceitação e o orgulho: “Durante o período do Ebola, eu era uma autoridade aqui. Eu era da polícia... [risos]”.

Sobre esta realidade, uma reportagem do *Le Monde Diplomatique Brasil* de dezembro de 2014 ressalta e põe em questão a militarização da saúde no Oeste Africano no período do Ebola. Com um artigo intitulado *Fardas sob o jaleco*, diz Bruno Canard:

(...) os militares em trajes de combate se juntam nas fotos a médicos e cuidadores, cujas roupas de proteção lembram equipamentos “nucleares-biológicos-químicos” do Exército. Os antigos colonizadores e todas as nações que consideram ter um papel na cena mundial enviam soldados e pessoal médico. (CANARD, 2014, p. 31).

Em Kru Bay, maior favela de Freetown, lugar que foi povoado em sua maioria pela etnia Kru, alguns moradores revelaram, com algum receio, o modo como a polícia atuou no lugar. Em tom de acusação, disseram que, muitas vezes, os policiais levavam como suspeitos de Ebola, pessoas que estavam doentes de Malária ou mesmo gripados. Ainda contaram que a epidemia deu lugar a um medo entre os vizinhos:

Às vezes alguém tinha um problema com algum vizinho e ligava denunciando que aquela pessoa estava com Ebola, aí vinham e levavam ela... Colocavam um monte de gente dentro da ambulância. Ai, na ambulância fechada jogavam cloro, um monte de gente morreu intoxicada por conta do cloro...

Assim, as narrativas do subterrâneo da história dão outra conformação à epidemia de Ebola, relatos que na maioria das vezes teciam comparações com a guerra civil. Por exemplo, quando alguma casa era detectada como *lócus* do vírus Ebola, era prática obrigatória a queima de todos os pertences dos moradores e principalmente dos doentes. Em frente dos centros de tratamentos, queimavam-se as roupas e os pertences dos contaminados, antes destes entrarem para serem tratados. Diz Mama Jeneba, 71 anos, moradora de Freetown: “no Ebola queimavam as coisas dos doentes, na frente das casas... Na guerra... a gente olhava ali pra cima (apontando para a mata) e via que os rebeldes estavam chegando, pois iam tacando fogo em tudo...”.

Por várias vezes, serra-leonenses demonstraram como a epidemia de três atrás bem como as eleições presidenciais do futuro, de 2018, os deixavam receosos, pois evidenciavam a possibilidade de novo conflito armado. Preocupação que também é presente e visível nas ações das organizações nacionais e internacionais de segurança, evidenciando que uma epidemia, como também uma eleição, naquele país, pode levar a um desequilíbrio político que pode (re)mover desentendimentos. Mohamed, responsável pela instituição *Single Leg Amputee Sport Association*, uma organização desportiva dos amputados da guerra, disse-me, em meados de outubro de 2017, em tom de alerta: “você vai embora amanhã, não vai ficar para as eleições do ano que vem? Sorte sua... As eleições aqui são perigosas, muitos estrangeiros e gente rica – natural de Salone – vai embora para a América...”. Conselho que reforça a frase repetida pelos serra-leonenses: “Primeiro a guerra dos rebeldes, depois o Ebola, agora a enchente (ocorrida em agosto de 2017), e ano que vem, as eleições”.

O governo, as organizações internacionais e as políticas de resposta ao Ebola: mandos, desmandos e a gramática do combate

Diz ainda Canard – diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) – para a edição de dezembro de 2014 do *Le Monde Diplomatique* Brasil:

O medo legitima todos os abusos. O ebola acaba de dar um forte impulso à sociedade da vigilância, que conhece uma idade de ouro; controle nas fronteiras, convocação aos centros de vacinação, detecção de todo suspeito que possa apresentar sintomas e um começo de febre. (CANARD, 2014, pág. 32).

Exatamente o que ocorreu na Serra Leoa, ou seja, o pânico e o medo da epidemia de Ebola não ser contida levou a várias ações ilegítimas e autoritárias. Desde prisões arbitrárias em comunidades focos da doença, constrangimentos em *checkpoints*, até atitudes políticas autoritárias muitas vezes não ligadas à epidemia, mas legitimadas pelo estado de exceção gerado pelo medo do Ebola. Uma destas atitudes foi a exoneração inconstitucional do vice-presidente pelo presidente Ernest Bai Koroma. Usando de um momento delicado, Koroma afastou Sam-Sumana da vice-presidência por desavenças políticas. O presidente, tão amado quanto polêmico, ainda participou de outra querela

questionada por vários jornais locais. Passado algum tempo da declaração da OMS de que Serra Leoa encontrava-se livre da epidemia de Ebola, este se recusava a declarar o fim do estado de exceção/estado de sítio. A oposição política, jornalistas e intelectuais, acusavam-no de autoritário, pois em um estado de exceção, possíveis manobras antidemocráticas seriam mais facilmente conduzidas e não questionadas pela população.

Um dos braços do Estado, órgão diretamente ligado à OMS, o National Ebola Response Centre (NERC) atuava em duas frentes intimamente relacionadas: a médica e a policial. Inclusive a sede do NERC, na capital do país, localizava-se dentro de um quartel do exército serra-leonês. Durante o evento “Zero Ebola”, era clara a separação entre elite local, cientistas, médicos de um lado e o povo de outro, e esta linha era demarcada pelo exército. O mesmo percebi em outro momento na cidade de Kenema quando do Dia Internacional de Combate ao HIV/Aids em África. Enquanto estávamos estrangeiros, cientistas e autoridades locais em um espaço reservado para a cerimônia a respeito da prevenção ao HIV, que contava com a presença de autoridades do continente africano, a população não havia sido “convidada” para o evento.

Estas ações médico-sanitárias muitas vezes constrangedoras e excludentes sempre eram mediadas e garantidas pela polícia/exército. O tom marcial que envolve o Ebola está nas ações e na linguagem, como já explicitado no início deste ensaio: “combate ao Ebola”, “os heróis agentes de saúde”, “a batalha contra o Ebola”, “armas contra a epidemia”, “estratégias de combate ao vírus”, “exército de voluntários da área da saúde”, “corrida de obstáculos contra a doença”, “a guerra contra o Ebola”. Estas são pois as metáforas de ordem militar para se referir ao vírus Ebola, transferindo à epidemia uma gramática marcial.

Segundo Susan Sontag: “As metáforas relativas às ideias de controle e comando, na realidade, não são tiradas da economia, mas da linguagem militar... a própria doença é concebida como o inimigo contra o qual a sociedade trava a guerra.” (SONTAG, 1984, p. 84-85). Alerta a autora que o uso da doença como metáfora para se remeter a fenômenos sociais não é nada inocente. Parafraseando Sontag, acrescento também que, o uso da linguagem marcial para falar sobre epidemias está longe de ser algo inocente. Pelo contrário, esta gramática marcial ajuda a reforçar desmandos, abusos de poder e controle dos corpos. Muitas das propagandas de intenção de “combate ao Ebola” não deixavam de

apresentar uma chamada à população a denunciar possíveis doentes: “If you suspect a case of Ebola/Free Call: 177.

Finalizando este ensaio, volto à comparação com o Brasil, onde o Zika vírus levou a vários esportistas e turistas a cancelarem sua vinda ao país, argumentando que este vivia uma perigosa epidemia. O medo internacional, que afeta turismo e comércio, fez com que o governo brasileiro autorizasse a pulverização das áreas urbanas com agrotóxicos, usando argumentos autoritários geralmente usados em estados de exceção.

Na última semana de junho de 2016 tomei conhecimento de uma série de selos para colecionadores, produzida na Serra Leoa, que mostra muito bem ao que a produção internacional do medo pode levar. Abaixo, imagens do país do vírus do Zika internacionalizadas pela produção midiática (do medo) do país da epidemia do Ebola. Afinal a produção da cultura do medo e do terror pode possuir várias vias como estes *souvenir stamps* (selos de lembrança).



Figuras 8 e 9: Selos para colecionadores.

Assim como o Ebola, também a epidemia de Zika vírus faz parte da internacionalização do pavor e do medo ao Outro. Como bem demonstra a antropóloga Débora Diniz (2016), professora de bioética da Universidade de Brasília e da Fundação Oswaldo Cruz, o Zika, de uma doença local, do nordeste brasileiro, torna-se uma ameaça global. Diniz aponta algo crucial para a epidemia de Zika, que muito tem que ver também com o Ebola, que seja, estes tipos de epidemias são provisórias e mobilizam rapidamente ciência, humores, reações e comoções. Porém, como chamam atenção, também rapidamente desaparecem do cenário das preocupações do Estado e das pessoas. Posso

dizer que - muito parecido com o Zika - a discussão sobre segurança, saúde e vacinas, durante o surto de Ebola foi intensa, muitos países e laboratórios surgiram com a promessa de cura, mas hoje nada se fala a respeito. O Ebola, assim com a guerra, vai se tornando um medo adormecido, mas latente, de um passado que pode ser futuro a qualquer momento, pois como tantas vezes me alertaram, mesmo após o término da epidemia: “Take care... Ebola is out there!”

Referências Bibliográficas

- ABDULLAH, Abdullah. *Between Democracy and Terror: The Sierra Leone Civil War*. Dakar: CODESRIA, 2004.
- AMPOFO, Akosua Adomako; BEOKU-BETTS, Josephine; NJAMBI, Wairimu Ngaruiya; OSIRIM, Mary J. *Women's and Gender Studies in English-Speaking Sub-Saharan Africa: A Review of Research in the Social Sciences*. Sociology Faculty Research and Scholarship/ Bryn Mawr College, 2004.
- AMPOFO, Akosua Adomako; BEOKU-BETTS, Josephine; NJAMBI; OSIRIM, Mary J. *Researching African Women and Gender Studies: New Social Science Perspectives*. Sociology Faculty Research and Scholarship/ Bryn Mawr College, 2008.
- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1999.
- BARBOSA, Muryatan. *Subaltern Studies: Pós-colonialismo e desconstrução*. Anais III Seminário Nacional de História da Historiografia: Aprender com a história? . Ouro Preto: Edufop, 2009
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BEAH, Ismael; CAULKER, John; TERRY, Sara; HOFFMAN, Libby e SANNOH, Benedict. *Fambul Tok*. New York: Umbrage Editions, 2011.
- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1).
- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 3).
- BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras Escolhidas; v. 2).
- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CANARD, Bruno. *Fardas sob o jaleco*. IN: Le Monde Diplomatique Brasil, dezembro – 2014.

- COSTA, Denise Ferreira. *Normatizando corpos, estabelecendo fronteiras, gerando ansiedade: concepções sobre doença saúde e cura pela OMS*. In: Lobo, Andrea. (Org.). *Entre Fluxos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- DAS, Veena. *O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade*. Cad. Pagu, n 37. Campinas. Julho/Dezembro, 2011.
- DAS, Veena. *Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos*. In: RBCS, junho, 1999.
- DAS, Veena. *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. Califórnia: University of California Press, 2007.
- DAS, Veena. *Sujetos del dolor, agendas de dignidad/ ed. Francisco A. Ortega*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas :Pontificia Universidad Javeriana. Instituto Pensar, 2008
- DAWSEY, John Cowart. *Victor Turner e a antropologia da experiência*. In: Cadernos de Campo, n 13. São Paulo, 2005.
- DAWSEY, John Cowart. *Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas*. In: Campos 7(2):17-25, 2006.
- DINIZ, Débora. *Zika: Do sertão nordestino à ameaça global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FASSIN, Didier. *Compaixão e Repressão: A Economia Moral das Políticas de Imigração na França. Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 Dezembro 2014, consultado o 09 Dezembro 2017.
- FASSIN, Didier. *La raison humanitaire: une histoire morale du temps présent*. Paris: Gallimard/Seuil, 2010.
- FELDMAN, Allen. *On Cultural Anesthesia: from Desert Storm to Rodney King*. In: *American Ethnologist*, maio, 1994.
- FOFANA, Aisha. *War's other voices [electronic resource]: testimonies by Sierra Leonean women*. Thesis (Ph.D.). Illinois State University, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1977.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- GEFFRAY, Christian. *La cause des armes au Mozambique: anthropologie d'une guerre civile*. Éditions Karthala, 1990.
- HALL. Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. DP&A, 2014.
- HOUNNTOJII, P. *Conhecimento de África, Conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre Estudos Africanos*, in Santos, B. S. & Meneses, M.P. (orgs.), 2009. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina:120-131.
- MOUTINHO, Laura. *Sobre danos, dores e reparações: The Moral Regeneration*

- Movement -controvérsias morais e tensões religiosas na ordem democrática sul-africana*. In: Wilson Trajano Filho. (Org.). *Travessias antropológicas: estudos em contextos africanos*. 1 ed. Brasília: ABA, 2012, v. 1.
- LOCKE, Peter. *CITY OF SURVIVORS : Trauma, Grief, and Getting By in Post-War Sarajevo*. A Dissertation of Princeton University, 2009.
- PRADEEP, Jeganathan. *Checkpoint: Anthropology, Identity, and the State*. IN: *Anthropology in the margins of the State*. Org. Veena Das, 2004.
- SANTOS, Marco Cabral. *Revolta da Vacina: Oswaldo Cruz e Pereira Passos tentam sanear Rio*. *Iix: História do Brasil*. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação, 2005. <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/revolta-da-vacina-oswaldo-cruz-e-pereira-passos-tentam-sanear-rio.htm?cmpid=copiaecola>
- SÉMELIN, Jacques. *Purificar e Destruir: usos políticos dos massacres e dos genocídios*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Estações Graal, 1984.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.
- SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1993.
- TRAJANO FILHO, Wilson. *Outros rumores de identidade na Guiné-Bissau*. Universidade de Brasília. Série Antropologia 279. 2000.
- TRAJANO FILHO, Wilson; AUTORA, Denise; COSTA, Denise. "Antropologia do além-mar: entrevista com Wilson Trajano". *Revista três [...] pontos (UFMG)*, v. Ano 5, p. nº 2, 2009.
- TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EDUFF, 2008.
- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

autora Denise Moraes Pimenta
 É mestra e doutoranda em Antropologia Social pelo PPGAS/USP com graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Também é membro do grupo de pesquisa Antropologia e Performance (NAPEDRA), da USP.

Recebido em: 23/04/2017
Aceito para publicação em: 07/03/2018